



LUIZA AMÉLIA DE QUEIROZ O FEMINISMO EM POESIAS NO PIAUÍ NO SÉCULO XIX.

Janaina Cavalcante Correia¹

RESUMO: O presente trabalho analisa e faz conhecer a obra incomum da piauiense Luiza Amélia de Queiroz, que em meados do século XIX expressou-se através da sua escrita e buscou alcançar espaço no meio intelectual. Com sua literatura poética fez-se perceber. Escreveu em jornais e publicou dois livros “Georgina os efeitos do amor” e “Flores Incultas”. Este último foi base indispensável para realização deste trabalho, também foram agregadas fontes documentais como periódicos e jornais da época em que a autora escrevia. Além disso, foram analisadas bibliografias no campo da História das mulheres para compreensão do contexto histórico em que a poetisa estava inserida. Dentre as abordagens possíveis de análise do livro Flores Incultas, escolhemos seu literário poético, sobretudo as características contidas dentro de ideias feministas.

PALAVRAS-CHAVE: Luiza Amélia; Feminismo; Poesias.

ABSTRACT: The present work analyzes and makes known the unusual work of Piauí Luiza Amélia de Queiroz, who in the mid-nineteenth century expressed himself through his writing and sought to reach space in the intellectual environment. With his poetic literature he became aware. He wrote in newspapers and published two books “Georgina” and “Flores Incultas”. The latter was an indispensable basis for the realization of this work, as well as documentary sources such as periodicals and newspapers of the period in which the author was writing. In addition, bibliographies were analyzed in the field of Women’s History to understand the historical context in which the poetess was inserted. Among the possible approaches to book analysis, we chose her poetic literary, especially the characteristics contained within feminist ideas.

KEYWORDS: Luiza Amélia; Feminism; Poetry.

As transformações sobre a reclusão estabelecida as mulheres na sociedade durante vários séculos passaram a experimentar suas primeiras demandas no século XIX, devido a necessidade de modificar a limitação do ir, procuraram sair dos espaços que lhes eram estabelecidos e buscaram alargar suas capacidades para às portas do saber. Num ritmo lento de modificações no campo dos costumes e valores sociais, as mulheres obtiveram certa visibilidade em uma sociedade acostumada a submetê-las à tradição patriarcal, na qual o recato familiar e o abandono das suas aspirações e interesses eram exigidos em nome do equilíbrio de uma ordem social que hierarquizava

saberes e lugares para os gêneros. Maria Odília Leite² afirma que são muitas as dificuldades quando se pretende enveredar pelos estudos das mulheres devido as grandes incertezas. A autora apresenta discussões que cercam a problemática das fontes para a reconstrução da história das mulheres pontuadas de ambiguidades sutis que é preciso discernir, iluminar, documentar, mas que resistem as definições. O dilema básico de confronto dos estudos das mulheres e dos estudos feministas diz respeito a sua própria possibilidade, pois as fontes que poderiam dá visibilidade e voz ao percurso das mulheres enquanto seres sociais são escassas. Os registros das mulheres enquanto sujeito histórico dificulta o estudo e a pesquisa de suas próprias trajetórias e suas contribuições. Contudo, os pesquisadores superam as dificuldades desta tarefa construindo alternativas que se voltam ao resgate das mulheres como personagens históricos.

Considerando-se todos os acontecimentos no meio da escrita historiográfica desde o século XIX, quando novas metodologias de pesquisas se inserem no campo das ciências humanas, o que promoveu formas mais consistentes de estudo, incorporando novos elementos, novas fontes, auxiliando grandes inovações na escrita da história, incluindo o estudo sobre as mulheres, e das relações de gênero, buscando ressignificar conceitos e ampliando os saberes de uma série de significados culturais inscritos em cada sexo, o que Izilda Matos afirma:

A expansão dos estudos que incorporam a mulher e abordagem de gênero na história localizar-se no quadro de transformações porque vem passando a história nos últimos tempos. [...] Essa crise de identidade da história levou a procura de outras histórias, o que levou a uma ampliação do saber histórico e possibilitou uma abertura para a descoberta das mulheres e do gênero.³

Então toda a interdisciplinaridade, e o desenvolvimento de novos campos como a história das mentalidades e história cultural, nos favoreceu todo um avanço na abordagem do sexo frente a um discurso feminista, assumindo um papel importante e crescente nos estudos sobre as mulheres e as relações estabelecidas com o sexo masculino. Trazer a discussão sobre gênero é mostrar que pode sim existir igualdade e respeito entre os seres e para que as relações sociais sejam melhoradas discutir gênero é imprescindível, para que as concepções de gênero tenham suas raízes problematizadas e analisadas sobre todo um contexto histórico, possibilitando assim a construção de novos conceitos e debates sobre o tema:

Para entender a relação de gênero em nossa sociedade temos que ir muito além do presente e a todos os movimentos que cercam o tema, temos que fazer um aparato

histórico do “ser homem e ser mulher” no que diz respeito a uma identidade sociocultural atribuída a cada sexo historicamente. As relações de gênero refletem concepções de gênero internalizadas por homens e mulheres. “Eis porque o machismo não constitui privilégio de homens, sendo a maioria das mulheres também suas portadoras. Não basta que um dos gêneros conheça e pratique atribuições que lhes são conferidas pela sociedade, é imprescindível que cada gênero conheça as responsabilidades do outro gênero”.⁴

O estudo sobre as mulheres ganhou impulso devido a todas as inovações sobre o uso de fontes e em conjunto a incorporação de novos elementos de pesquisas, de novas metodologias, o que favoreceu e muito a evolução de novas pesquisas. Contudo, a essas grandes inovações e incorporações da escrita da História nas últimas décadas foram de grande contribuição para o estudo das mulheres. A essa nova forma de se escrever História, é colocada a possibilidade de incorporação de novas fontes⁵. Os diários, as cartas, as poesias, os romances, que se tornam numa perspectiva micro histórica um campo de riquíssimas possibilidades, tornando-se documentos valiosos tanto de uma história íntima, quanto social e que poderão ser descobertas, através do comprometimento de pesquisadores em fazer da escrita historiográfica um campo de conhecimento mais abrangente e completo, trazendo proveitosas inovações, saberes e conhecimentos, e que antes passavam despercebidos aos leitores da História.

Algumas mulheres brasileiras letradas e de classe econômica elevada no século XIX se posicionaram e questionaram o direito limitado a educação. Eis que surge um viés que busca maiores oportunidades educacionais para mulheres, tornando essa característica uma das principais especificidades feminista da época. June Hahner⁶ ressalta que a valorização da educação para as mulheres foi de grande importância para alertá-las das suas condições, necessidades e potencial.

O desenvolvimento da imprensa no século XIX foi de grande importância para dar espaço ao feminismo que chegava timidamente no Brasil. Algumas cidades brasileiras como Recife e Rio de Janeiro foram fundados jornais por mulheres⁷ e cada vez mais as mulheres letradas adentravam o espaço do saber debatendo a educação, a instrução e a emancipação feminina.

Dentre a turbulência sutil de mulheres letradas no Brasil no século XIX eis que se apresenta Luiza Amélia de Queiroz, que antecipadamente a publicação de seu primeiro livro em 1875 o *Flores Incultas*, já escrevia em jornais e periódicos.

O jornal O Papyro de Teresina⁸ em abril 1874, podemos ler a poesia a órfã descrita e assinada pela autora:

A ORFÃ

Sou tão pequenina
E já desditosa!
Sem ter os extremos
De mãe carinhosa.
[...]
Quem é que me embala
Ou vela meu sono
Meus Deus! Para a órfã
So há abandono!⁹

A oitocentista superou padrões, e seguiu na contra mão do cenário limitado do “ser mulher”, quando o campo da literatura poética e dos romances era de dominação masculina, escapou do viés singular do feminino de sua época que era casar, cuidar do lar, ser mãe, e ainda da relação histórica cultural construída entre os gêneros socialmente de submissão da mulher. Luiza Amélia de Queiroz nasceu em Piracuruca no estado do Piauí no ano de 1838, considerada a princesa da poesia romântica do Piauí, foi patrona da 28ª cadeira da Academia Piauiense de Letras. Expressava constantemente em suas poesias uma inquietude ardorosa sob as características impostas ao sexo feminino, principalmente do acesso restrito a pena.

A exemplo um trecho da Poesia *A Mulher*:

A MULHER

A mulher que toma a pena
Para lira a transformar,
É, para os falsos sectários,
Um crime que os faz pasmar!
Transgride as leis da virtude
A mulher deve ser rude
Ignara por condição!
Não deve aspirar a glória!
Nem um dia na história
Fulgar com distinção!
[...]
Eu que tenho uma alma grande,
Uma alma audaz que s'expande
No espaço a voejar.

Não posso curvar a fronte
Nesse estreito horizonte
E na inércia ficar!
Não posso! Gritem sofistas
Digam tudo o que quiser!¹⁰

Na poesia *A Mulher* exprime a posição de desconforto sobre a condição social que a mulher estava submetida, a autora reflete o preconceito sofrido ao impor a pena, ao mesmo tempo em que impõe diante dos preconceituosos seus versos, esboça a contradição do que ao mesmo tempo lhe faz transcender barreiras é o mesmo que lhe prende; a sua tão afetuosa arte de escrever.

Ao se pronunciar pela escrita, transpondo seus sentimentos em poesias, Luíza Amélia refletiu a inquietude e delimitações que foram impostas a mulher, e que juntamente a trajetória do pensamento feminista no século XIX, se pode identificar em seus escritos momentos representativos que vão de encontro ao debate de inserção da mulher a níveis mais abrangentes de educação tal qual o reconhecimento literário, buscando quebrar barreiras que oprimiam e subjugavam a capacidade de expressão intelectual da mulher. Nesse sentido o pensamento feminista na prática literária da poetisa é claro e questionador.

A piauiense Luíza Amélia de Queiroz ao escrever em periódicos da época, ao publicar os livros *Flores Incultas* e *Georgina ou efeitos do amor*, sobressaiu-se em meio há todo um contexto social. Superou padrões do patriarcalismo emergente de sua época, e toda a complexidade, contradições e obstáculos que permeavam a possibilidade de atuação da escrita feminina da época.

Para Daniel Ciarlini¹¹, os versos românticos publicados por Luíza Amélia era fato singular, não para o nordeste como para o Brasil.

Não houve na história do Piauí, até a presente data, nenhuma obra que se prolongasse tanto em versos românticos e árcades quanto a lira de Luíza Amélia de Queiroz[...] Um trabalho incomum e sistemático portanto, com versos em redondilha menor e maior, tecido pelas mãos de uma mulher. Sua produção com características predominantes em alguns momentos do Barroco, outras árcades e românticas, veio a lume em ainda em uma época cuja sociedade brasileira assistia ao surgimento das primeiras correntes feministas de sua história.¹²

Daniel Ciarlini detalha a produção de Luíza Amélia como avançada e com características modernas e eleva seu trabalho poético ao patamar daqueles que se colocaram a frente e que iniciaram o eco dos questionamentos de submissão das

mulheres em sua época.

A poetisa mesmo tendo uma condição financeira estável, não se distancia do preconceito de que a mulher não poderia ousar sair¹³ do lugar estabelecido a elas. A autora ao revelar em suas poesias anseios de inquietude sobre as amarras que lhe eram estabelecidas pela sociedade patriarcal da época incorpora um movimento que no Brasil ainda não tinha grande repercussão, o Feminismo. No entanto, a poesia pode ser vista como terra fértil na investida de questionamentos sobre justiça e igualdade para as mulheres, que sugeridos em versos podiam adentrar de forma não tão impactante e radical, haja vista que para o Brasil da época uma mulher que se mostrasse desprezada dos padrões estabelecidos pela sociedade patriarcal que detinha o domínio das mais diversas esferas sociais, era considerada uma mulher de ousadia extrema.

No poema, *Não Sou Poeta* de Luiza Amélia ela retrata profundamente o cuidado que tem ao se promover poetisa.

Não sou poeta
Não sou poeta! que ambição tão louca
Nunca me veio perpassar a mente,
Só o que quero, o que exalar procuro,
São os affectos que minh 'alma sente.[...]¹⁴

O feminismo, enquanto movimento social é essencialmente moderno. No Brasil as suas origens no século XIX, se dispõem das mesmas demandas advindas do mundo europeu, os movimentos eram inspirados nas lutas europeias, tanto na política como também na busca de igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres.

As relações com o sexo masculino na poética de Luiza Amélia de Queiroz é de descontentamento tanto no meio social quanto no ambiente doméstico, ainda que em alguns trechos intercale sentimentos amorosos e dissabores pelo marido. O que se pode notar de mais constante é a sofreguidão pela cobrança que o marido impõe a sua escrita:

O Que Queres
[...]
Se me queres a teus pés s'tremecida,
Sem vontade, e a teu querer sujeita,
Dando-te beijos mais que amor, a vida,
Ó insensível,
Ser mais constante;

Veras então.

Ternos prelúdios de secretas dores,
Se antes querres que na lira solte
Como um triunfo para teus amores,
Dize: eu quero;
Farei, ingrato,
Morrendo então.¹⁵

(19 de dezembro de 1872).

As transformações da cultura e as mudanças de ideias nascem das dificuldades que são simultaneamente aquelas de uma época e as de cada indivíduo histórico, homem ou mulher. A produção social da existência, em todas as sociedades conhecidas, implica por sua vez, na intervenção conjunta dos dois gêneros, o masculino e o feminino. o uso do termo “gênero”, não é um substituto do termo mulheres, ou um termo gramatical, contextualizá-lo historicamente seria designar as relações sociais entre os sexos. Para tanto quando falamos em abordar as relações de gênero temos que compreender que o estudo do tema não pode ser exposto de forma isolada, pois dialoga com diferentes esferas sociais, transformando-se assim numa questão cultural.

A questão Gênero tem que fugir do contexto de identificar pessoas em suas diferenças não reproduzindo e classificando desigualdades, longe desse sentido, o conceito de gênero tem sido de posicionar pessoas a partir de uma relação sobre o que é entendido como feminino e masculino.

Esses usos descritos do termo “gênero” foram empregados pelos/as historiadores/as, na maioria dos casos, para delimitar um novo terreno. À medida que os/as historiadores/as sociais se voltavam para novos objetos de estudo, o gênero tornava relevantes temas tais como mulheres, crianças, famílias e ideologias de gênero. Em outras palavras esse uso de gênero refere-se apenas aquelas áreas, tanto estruturais como ideológicas, que envolvem as relações entre os sexos.¹⁶

A diferença entre os corpos é nitidamente observável, sendo o estudo de gênero justamente a percepção dessas diferenças, e o mais importante são as formas como se constroem culturalmente os significados a essas diferenças. São representações construídas sobre a base da identificação da diferença sexual, para analisar todo um contexto, precisamente as relações entre homens e mulheres e suas as relações sociais. A tentativa de construir o ser mulher enquanto inferior, ou superior, como diz Saffioti¹⁷,

como dominada-explorada, vai ter a marca da naturalização, do inquestionável, já que dado pela natureza os estereótipos de gêneros, feminino e masculino e os espaços de aprendizado a estes tanto quanto os processos de socialização vão reforçar os preconceitos, apoiando-se, sobretudo na determinação biológica e na construção de relações sociais com o outro, numa expectativa de que as pessoas devem agir de acordo com suas predicções e ser tratadas como tal, impondo através de ritos sociais, uma identidade pressuposta, que assim é vista como algo natural.

Ao analisar e teorizar o termo gênero a partir das ciências sociais, no sentido de se estuda os aspectos sociais do mundo humano, observando a vida social dos indivíduos, caracteriza-se no melhor dos casos como um estudo de caráter limitado, pois tende-se a generalizar e limitar a amplitude, causando formas redutivas a compreensão da história enquanto disciplina.

Para Joan Scott¹⁸ a dualidade do termo gênero, estaria ligada ao sexo sendo o primeiro ligado a cultura, o segundo para a natureza, o termo amplia-se e varia de acordo como a proposta de pesquisa a ser avaliada, na perspectiva de se pensar a partir justamente das diferenças biológicas entre sexos, não de forma a segregar, mas possibilitar a análise de como se constrói e se constroem significados culturais para essas diferenças, posicionando-as dentro de relações hierárquicas, entendendo que às relações de gêneros no meio social e a desigualdade de poder entre homens e mulheres são resultados de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais e de condicionamento.

O que Luiza Amélia apresenta de mais constante em seus poemas são questionamentos que promovem a revisão do no debate da diferença e igualdade nas relações de gênero:

Se Fores Ao Baile
Se fores ao baile,
Não sejas vaidosa
Mostra-te formosa
E ingênua também!
Sê cauta e prudente,
Na schotis tão falsa...
Que venenos tem!
[...]
Se fores ao baile,
Te demora pouco
Que o dançar é louco...

Seduções contém
Oh! Foge a vertigem
Que arrebatava o siso,
Troca em pranto o riso
Amor – em desdém. (8 de janeiro de 1873).

Das relações entre atitudes delimitadas a homens e mulheres a poetisa atribui significados dos quais eram constante serem observados no Brasil do século XIX, onde cada sexo tinha parâmetros comportamentais estabelecidos nos quais estavam compartimentados seus caracteres de moral e honra, sendo aos homens o deleite de dominação e a mulher o resguardo da submissão.

Para os estudos feministas o uso da categoria de gêneros vem como algo inovador, apesar de todas as tensões e divergência em meio aos estudiosos sobre a utilização e aplicação dos conceitos estando presente nos mais diversos discursos em meio ao campo filosófico, religioso, biológico/científico, psicológico, antropológico e social. Sobre o questionamento com base em diferentes proposições, se gênero é uma categoria empírica ou uma categoria analítica, esta a relevância do estudo que por Joan Scott¹⁹ implica em tematizar o “direito a diferenças” relacionadas à parte física dos sexos e as reconhecendo, mesclando a isso todo um contexto social de cada época e as perceptivas relações ente homens e mulheres como culturalmente construídas ganhando mais representatividade como objeto de análise.

No entanto, a mulher vista como um ser inferior ao homem começou a lutar pelos seus direitos de igualdade e de inclusão a partir do século XIX na Europa, até chegar ao Brasil onde teve uma de início uma ação que cedeu abertura a grandes conquistas no século seguinte. Os movimentos feministas que surgiram no Brasil anda junto com o florescimento de uma cultura contestatória, favorável a mobilização social de “grupos até então marginalizados ou oprimidos”²⁰. Mudanças sócio-econômicas também favoreceram a mobilização das mulheres, tais como a progressiva entrada de mulheres no mercado de trabalho dominado pelos homens e um avanço dos níveis de educação, o feminismo encontrou então possibilidades maiores de se desenvolver, e se iniciou inúmeros debates a cerca dos direitos das mulheres. Nesse contexto, ocorre uma importante aproximação entre as mulheres intelectualizadas de classe econômica elevada que iniciaram o movimento e as mulheres das comunidades periféricas e favelas, que também lutavam por direitos e melhorias na qualidade de vida. Essa possibilidade de relação entre mulheres das diversas camadas sociais existente na época possibilitou novas formas de pensar o feminismo brasileiro, o que podemos vê com muito interesse no livro História das mulheres no Brasil, de Mary Del Priore²¹,

a ideia que a autora procura exprimir, é que não se faça apenas uma história que conte a saga de heroínas ou de mártires, mais sim uma história, com foco nas mulheres através das tensões e das contradições que se estabeleceram em diferentes épocas, entre elas e seu tempo, entre elas e as sociedades nas quais estavam inseridas. Trata-se de desvendar o emaranhado das relações da mulher em sociedade, mostrando essa mulher como um ser social, que ela é, que fabrica e que é parte integrante do fator social que se insere. As transformações de cultura e as mudanças de ideias nascem das dificuldades que são simultaneamente aquelas de uma época em que cada indivíduo historicamente tem suas especificidades, onde o homem e a mulher tinham suas atribuições específicas.

Os constantes anseios de insatisfação retratados nos poemas de Luiza Amélia de Queiroz, questionando os espaços não acessíveis às mulheres na época, seja social ou intelectual, é alvo de crítica por homens considerados no meio literário.

Clodoaldo Freitas, que analisou e teceu críticas ao *Flores Incutis* de Luiza Amélia, diz que a poetisa retrata certas consternações do seu íntimo em relação a sociedade que tenta afugenta-la. Resume o primeiro livro da poetisa como um mimoso trabalho de versos espontâneos, de uma senhora virtuosa que vive na abastança do aconchego familiar, e que por sua vez não desfruta da realidade a qual se inscreve;

No entanto, esta exposição feita por Clodoaldo Freitas confirma os sentimentos da poetisa, que exprime em seus escritos a inconformidade sobre lugares que são vistos como inacessíveis a capacidade da mulher.

Um livro de versos, onde se amalgamam profusamente todos os sentires de um coração, todas as ânsias de uma alma, todas as duvidas de um espírito, não é crisol seguro para um merecimento de um poeta. [...] A poetisa sofre de um mal inopinado que a priva da noção real e efetiva das coisas; esse mal porem é todo imaginário. [...] eis, em parte, explicadas as dores morais que escurecem por vezes o céu da existência da ilustre senhora.

Ferida no seu orgulho, espezinhada na sua justa vaidade, ela sente que transita por entre uma cáfila de bárbaros, de invejosos brutais, que lhe negam, estupidamente, os merecidos louvores.²²

No século XIX no Brasil as atividades fora do lar para as mulheres mais abastadas eram poucas, no mais apenas treinadas para desempenha com perfeição as “prendas domésticas”²³. Outras menos afortunadas não eram bem-vistas pela sociedade, pois para ajudar no sustento da família costumavam vender doces, costurar, bordar entre outras atividades, e na época não eram vistas com bons olhos a mulher ganhar dinheiro.

O movimento feminista desde o século XIX vem se diversificando e fragmentando-se com vertentes que se associam a seu próprio tempo e espaço. Contudo, a importância histórica do movimento na formação de mulheres progressivamente com mais liberdades, direitos e oportunidades é certa, o feminismo é *a redefinição da identidade da mulher, junto com toda a compreensão histórica em torno das relações de gênero*.

Ao buscarmos a palavra gênero no dicionário, nos deparamos como sendo substantivo masculino, um conjunto de seres ou objetos que possuem a mesma origem ou que se acham ligados pela semelhança ou uma ou mais particularidades, e que de forma etimológica consideram-se gêneros como "espécies com caracteres comuns, espécie, ordem, classe". Ao levantarmos esse termo no campo das ciências humanas nos é direcionado um estudo de reflexão sobre a escrita historiográfica, propondo acréscimos e uma revisão da História dita como positivista tradicional, discutindo sua contribuição a ampliação das perspectivas no debate atual das relações e igualdade de gêneros.

Assim podemos notar que para se desconstruir ideais de diferenças entre os sexos é importante entender que as relações sociais não se dão isoladamente, sem uma interação, separando o "ser homem do ser mulher". Segundo Saffioti²⁴ é a totalidade formada pelo corpo, pelo intelecto, pela emoção, pelo caráter do EU, que entra em relação com o outro, ou cada ser humano é a história de suas relações sociais, perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/etnia. A autora nos propõe a pensar que não existe o EU isoladamente e sim uma correlação, onde todo um conceito é adquirido na relação com o outro. É ter uma noção concreta de que não se trata de perceber apenas o físico dos corpos e sim sua relação com o outro, para tanto não significa camuflar as diferenças percebidas que há entre as pessoas, e sim garantir um espaço democrático onde tais diferenças não se tornem desigualdades.

Luiza Amélia esta entre o que para Norma Telles²⁵ foi uma das primeiras correntes feministas do Brasil em meados do XIX, quando algumas mulheres reivindicavam pra si o acesso amplo a educação, e a possibilidade de ingresso na escrita literária, dando seus primeiros passos rumos a novas conquistas. Fazendo uma cronologia dos ganhos de acesso à educação igualitária são observados que no Brasil, em 1879 o governo autoriza a entrada de mulheres no ensino superior, acontecimento esse que foi de grande importância para a formação democrática ao qual o Brasil procurava estabelecer e que de início também visava o feminismo de primeira onda²⁶.

A atuação social feminina por meio da escrita foi deveras ambicionado por

Luíza Amélia, ao intensificar o discurso que insurge a opressão masculina. A autora se insere no pioneirismo de ideais feministas no Piauí e no Brasil que foi, dentre muitos dos sentimentos expostos em suas poesias o acesso e o gosto pela escrita. A inquietude ao julgamento dos homens e da sociedade pelo fato de escrever seus poemas permite a análise sobre um viés feminista, muitos dos poemas demonstram a insatisfação de Luíza Amélia ao fardo carregado pela mulher de manter-se distante dos atributos considerados de cunho masculino. Os próprios poemas compostos de queixas sobre a repressão ao sexo feminino se apresentam como um ato feminista, ainda que os poemas não fossem em sua maioria compostos de denúncia, o próprio fato de a autora ter publicado dois livros já era uma conquista imensurável para o feminino da época. Luíza Amélia nascida no interior, supera-se ao adentrar o campo da escrita posto que é atribuído ao intelecto masculino, e usa a pena como forma de se desvencilhar de amarras construídas historicamente que renega a mulher qualquer direito de igualdade junto ao homem.

Na poesia “O mundo e os Homens”, a poetiza revela sua consternação às formas de ações soberbas masculinas, tanto quanto a indiferença pelos sentimentos femininos, e denuncia em seus versos a vantagem do homem perante a mulher na sociedade, contesta a sobriedade de suas atitudes diante das mulheres.

O Mundo e os Homens

[...]

O homem p'ra quem o criador supremo

Encheu o orbe de lindezas mil,

E sobre tudo deu poder inato,

Ele é quem torna-o tão perverso e vil!!

[...]

Ímpio, volúvel, na maldade afeito

Transmuta as flores em amargo fel!

Fera indomável, não recua nunca,

Prossegue sempre com afã cruel!

O que lhe importa que em caminho encontre

Seu semelhante em cruel sofrer?

Recalca chagas! Que lhe importam dores

Que a outrem fazem suspirar, gemer? [...]²⁷

No século XIX a prática poética e dos romances são utilizados pelas mulheres como forma de projeção ao meio social, alguns poemas talvez fossem usados como

artifício de denúncia à sujeição masculina e social que limitava a mulher na época. No entanto, levando em consideração a poesia em seu sentido figurado, de ser tudo aquilo que comove que sensibiliza e que desperta sentimentos, podemos sugerir que as poetisas do século XIX ao transformarem seus dissabores e vivências em versos, auto intitulado-se escritoras ou não, possibilita-nos a análise pragmática da capacidade intelectual que as mesmas dispunham. O caso de Luiza Amélia de Queiroz, que até sem a mesma proporção de instrução que os homens desfrutavam, se tornou eloquente ao impor a pena e denunciar as incertezas e as adversidades que a mulher vivenciava em meados do século XIX.

Desconforto

Oh! Como custa a uma terna

Matar a interna vocação febril!

Viver de inércia, superar anseios,

Doces enleios sufocar aos mil! [...] ²⁸

Uma das formas de garantir que a mulher continue submissa ao homem era através das afirmações de superioridade. Desde muito cedo as jovens mulheres são orientadas a se comportarem como verdadeiras donas de casas, devendo obediência cega ao seu marido e servindo apenas para o serviço doméstico. Para Olivia Candeia²⁹ o motivo de insatisfação da poetisa Luiza Amélia de Queiroz, quando afirma que a poetisa ousou não se conformar com os estreitos horizontes que a sociedade reservava a mulheres, o que observado pelo viés do movimento feminista em sua amplitude inclui a poetisa como participante da luta das mulheres no sentimento questionador de injustiça que lhes cercavam usando com arma a pena que ousou empunhar. As muitas poesias do livro *Flores Incultas* que adentram o universo num contexto feminista que começa timidamente no Brasil, insere Luiza Amélia de Queiroz como uma mulher representante uma das feministas do seu tempo.

A feminista Luiza Amélia reclama em suas poesias pela a igualdade de direitos aos sexos, suplica a consciência dos homens e mulheres para que as mulheres sejam vistas como cidadãs integrantes e agentes ativas da sociedade, a esse sentimento podemos cita a poesia, *Às Parnaibanas*:

Amáveis parnaibanas

Também somos brasileiras,

Podemos hoje altaneiras

Como as mais a frente a erguer,

E mostrar que em nosso peito
Pulsa cheio de alegria,
Um coração que sofria
Por ver a pátria sofrer.

Não so aos homens compete
D'este triunfo a vitória,
A nos também cabe a gloria
Que filhas do Brasil somos; ...
[...]
Agora que a Pátria exulta
Devemos ficar sombrias?
Inertes, mudas e frias
Entre tanta animação?
Oh! em unânime brado,
Demos a esta alegria,
Que nossa alma irradia
Doce e suave expansão!³⁰

19 de abril de 1870

O intelecto de Luiza Amélia era incontestável segundo Monsenhor Chaves³¹ porque mesmo pela deficiência da educação e do ensino para mulheres do lugar e da época em que viveu conseguiu adentra o meio literário, e sobressair-se por sua escrita.

Luiza Amélia não apenas constituiu-se militante feminista através dos seus poemas, das suas publicações de livros e em jornais, mas também por buscar repostas sobre a condição que a mulher estava inserida na época. Os poemas de Luiza Amélia refletem parte de tudo o que as mulheres que viveram na sua época sujeitavam-se, mas que assim como a poetisa não tinham a pena e o papel como amenizador dos anseios e dos questionamentos que talvez lhes rodeassem a mente na busca de compreensão.

O feminismo na poesia de Luiza Amélia de Queiroz propõe a análise de como as mulheres conseguiram durante séculos viverem e “silenciadas a margem da historia”³², seja pela própria voz ou pela narrativa historiografia de pesquisadores que durante muito tempo subjugaram a capacidade física, intelectual e ate mesmo moral da mulher, condicionando-as aos espaços privados e sob a submissão masculina, o que nos impulsiona a pensar quantas histórias de mulheres ainda estão esquecidas a espera de revelação, e que ao serem descobertas proporcionaram ao mundo a

revisão de preconceitos que ainda nos dias atuais vigoram sobre o sexo feminino.

AS FEMINISTAS DO SÉCULO XIX

O feminismo entre sua militância e teoria possibilita questões e características múltiplas, para a compreensão do movimento num processo histórico, se faz necessário um direcionamento do resultado a ser encontrado. Para Céli Regina Jardim³³ pode se conhecer o movimento feminista a partir de duas vertentes: a da ação histórica do feminismo, e da produção teórica feminista nas áreas da História, Ciências Sociais, Crítica Literária e Psicanálise. Então para situar e identificar características feministas no século XIX, precisaremos compor um cenário das relações de gênero e das atribuições impostas a cada sexo, partindo do conceito geral e primário de que o feminismo é um movimento de luta que visa à igualdade de direitos entre homens e mulheres. O feminismo no Brasil do século XIX surge com ideais advindos da Europa, sentimentos inspirados da Revolução Francesa como liberdade, igualdade e justiça se debruçariam em alguns países como Inglaterra e Estados Unidos, a busca do direito ao voto e de ser votada gera lutas e manifestações dando impulso e constituindo uma “primeira onda feminista”.

Em meados do século XIX, a sociedade brasileira vive em turbulência com a prenúncia de grandes acontecimentos que marcariam o século, como o fim da escravidão e o advento da república, ideais que percorriam a Europa começam a pegar fôlego, e mudanças significativas são requeridas por mulheres que questionam o acesso a educação, o que de início lhes foi ofertado em forma de uma educação elementar com ressalvas³⁴ ainda sim foi um primeiro passo impulsionando novas conquistas.

No Brasil, os anseios e as expectativas das mulheres neste século caminhavam a passos vagarosos e tímidos, seja pela sociedade patriarcal da época ou pela construção histórica distorcida de um lugar reservado ao exercício do papel feminino, mas que ainda lento e esporádico são difundidas sobre tudo por uma elite intelectual da seleta classe social brasileira, lembrando que o Brasil é um país que desde sua colonização sofre com fortes discrepâncias sociais, e que ainda no século XIX contava com a maioria da população negra, escrava, índios, pobres e analfabetos.

As modificações no que diz respeito ao feminismo sob a estrutura social caracterizada pelo preceito patriarcal da época no Brasil, aconteceram de forma gradual e lenta, e ainda ao cotidiano dos mais abastados e de uma elite mais “educada” a esta classe fazia-se presente a inclusão de espetáculos teatrais, livros, folhetins e jornais, que facilitaram a mulher um acesso a certo tipo de conhecimento.

A sociedade patriarcal do século XIX fundamentada em preceitos de que as mulheres já estavam bem representadas pelos seus pais, irmãos ou maridos, e que não podiam submeter-se a um grau de igualdade com o sexo masculino, sendo estes detentores do espaço público e do meio intelectual literário. Contudo, algumas mulheres de classes sociais mais abastardas, começaram a questionar o acesso impróprio a uma educação mais abrangente.

O acesso a certo tipo de instrução era restrito às famílias de maior poder aquisitivo da sociedade, por meio da aquisição de livros, revistas, jornais. Mas uma das reivindicações frequente nos escritos de autoria feminina do século XIX no Brasil era o acesso a educação. A essa instrução relacionam-se vários aspectos que devido a uma urbanização crescente, havia uma exigência de mulheres culturalmente polidas e refinadas para os bailes que surgiam à moda europeia.³⁵

As mulheres letradas da época de inclinação a um feminismo que surgia no século XIX no Brasil tinham por base questionamentos sobre uma educação igualitária, requerendo a inclusão de acesso ao mesmo grau de instrução disponibilizado ao sexo masculino. Nesse cenário surgiram mulheres que ambicionam outras formas de reconhecimento e questionaram seus direitos políticos, outras revelavam por meio da escrita inconformidade sobre os espaços e ações impostas a elas.

Analisar a atuação de algumas das principais militantes e organizações que construíram a história do feminismo no Brasil, situando sua atuação no processo de transformação vivido pela sociedade brasileira a partir do final do século XIX ao início do século XX nos faz discorrer sobre um conjunto diverso de manifestações do movimento feminista no Brasil. Celi Regina Pinto³⁶, comenta que em meados do século em questão seria uma primeira tendência que teve como foco um tipo de feminismo “bem comportado” para sinalizar o caráter conservador desse movimento, o qual nesse sentido seria luta para a inclusão das mulheres à cidadania que não se caracterizava de imediato pelo desejo de alteração das relações de gênero, mas pelo direito a educação visando como um complemento para o bom andamento da sociedade.

A poetisa Luiza Amélia de Queiroz, (1838-1898) foi considerada a primeira poetisa piauiense, publicou em jornais, lançou dois livros, que apesar da restrição a educação as mulheres da época³⁷, conseguiu expor pela escrita de seus poemas suas ambições intelectuais, e os seus mais diversos sentimentos de forma culta.

Contudo, a prática literária era vista como uma pretensão audaciosa para as mulheres da época e ainda que desenvolvida pudesse ser praticada sem retirar a mulher das suas atribuições específicas e regulares como esposa, dona de casa e mãe,

sob a condição da aprovação do marido, do pai ou os irmãos, dos homens de parentesco mais próximo, e claro como tarefa secundária. Algumas mulheres que tinha acesso à leitura foram por si só direcionadas a exemplo dos pais ou irmãos, que por serem homens considerados cultos estavam cercados de livros e jornais. A educação para o sexo feminino mesmo que de instrução básica de início possibilitou e instigou o acesso a leitura, muitas mulheres buscavam algo mais do que ser educada como o intuito de ser apenas uma esposa que se apresentasse de forma mais elegante ao lado marido, algumas mulheres aderem aos diários pessoais e a literatura poética como uma senha de acesso ao mundo privado a elas. Para Norma Telles,³⁸ as mudanças nas características das estruturas econômicas e sociais devido ao processo de expansão, que gera inúmeras transformações no cotidiano social do Brasil que busca “civilizar-se a moda europeia”, unificando ainda mais ao ideal de cultura assentado numa sociedade patriarcal, idealizada por homens letrados e cristãos. Homens que na sua maioria desaprovava as mulheres envolvidas nas ações políticas e até mesmo no meio literário, alegando a incapacidade de suas ações. As mulheres passavam da tutela do pai para o marido. Saber escrever se restringia apenas para as famílias mais abastadas, ainda sim visando a educação dos filhos, reclusas em casa a mulher limitava-se, dedicando-se apenas a família, ao requererem pra si o acesso a educação as mudanças relativas a tais características vão sendo modificadas. Conhecer o passado e todo o caminho de conquistas percorrido por as mulheres no decorrer dos séculos nos faz compreender quão grande foi a contribuição do movimento feminista, que mesmo de modo abrangente traduz feitos relevantes a acedência da mulher na sociedade. Conhece-lo de modo explícito ou anônimo, nos remete a percepção de narrativas múltiplas tanto no espaço social, no político ou regional, consolidando-se, gradativamente, através de lutas cotidianas ou conquistas íntimas.

O feminismo quando se fragmenta em quanto movimento estende-se e se aglomera em conquistas maiores e mais amplas, viabilizando mudanças de grande importância nas características do ser mulher sob uma visão mais humana, providas dos direitos que lhes foram negados e de sujeição ao sexo masculino. Inserir todo o processo histórico do feminismo na contemporaneidade, incluindo as múltiplas faces desse movimento requerem toda a complexidade das construções sociais acerca das relações de gênero.

No Brasil, os estudos que abordam as relações de gênero acompanham os diferentes momentos dos movimentos feministas, sejam eles ligados a mulher e trabalho, mulher e política, mulher e a liberdade sexual, a toda as demandas que foram consideradas pela luta de inclusão do feminino como senso de justiça e igualdade.

Luiza Amélia de Queiroz e a relação social com o sexo masculino em

meados do século XIX ficaram marcadas em suas poesias tanto pela sua própria escrita, como pela escrita dos admiradores e críticos do seu trabalho, o desafio do estudo das relações de gênero dar-se também pela a dificuldade, de se enxergar e conhecer a mulher na sociedade de cada época sendo de cunho limitado o resgate das fontes que além de escassas, são descritas e qualificadas pelo próprio homem, no entanto a alternância do olhar sobre a poetisa projetado no meio social onde viveu nos possibilita uma análise mais sóbria das relações de gênero no espaço pelo qual a poetisa passou seja ele literário ou físico.

Dias Carneiro³⁹ ao prefaciar o segundo livro de Luiza Amélia a identifica como uma grande poeta de imaginação brilhante e perspicácia singular, e que apenas se reafirma no seu segundo trabalho, pois o mesmo declara ser conhecedor de seus trabalhos anteriores, supostamente fazendo referência ao primeiro livro da poetisa o *flores Incultas*, no entanto o que queremos esmiuçar é o de como o crítico em seu parecer sobre o *Georgina ou os efeitos do amor*, nos aproxima da relação entre Luiza Amélia num espaço de dominação masculina, o que nos possibilita observar como a autora sobrepujou um espaço do qual a sociedade limitava as mulheres na época. O feito de Luiza Amélia proporciona a produção de trabalhos e análises sobre algumas mulheres que procuravam romper as barreiras dos perímetros estabelecidos pela sociedade patriarcal numa perspectiva de resgatar a mulher e seu papel nas diferentes sociedades e particularmente na sociedade brasileira, podendo ser visto como início das bases democráticas e que ainda se busca na contemporaneidade.

Contudo, as relações de gênero é uma perspectiva histórica em construção, o estudo sobre as ideias estabelecidas sobre homens e mulheres quanto sistemas culturais distintos, inviabiliza de forma segura o entendimento das relações de gênero para a produção da escrita historiográfica, portanto é preciso que se tenha uma articulação entre as categorias de gênero e suas relações, sendo estes atributos necessários à construção do saber, de uma compreensão que perpassa por vários conceitos e estudos, desde a construção de papéis masculinos e femininos durante a jornada da História quanto aos resultados atribuídos a estes que perpetuam no mundo contemporâneo sobre a visão estigmatizada do ser homem e do ser mulher. No entanto o surgimento das relações de gênero como conceito científico tem que está profundamente ligado à história do movimento feminista, as transformações que vem passando a história nos últimos tempos tem como fatores de suma importância para o estudo das mulheres e da abordagem de gênero, essas novas perspectivas e influências que nascem para se questionar as abordagens globalizantes, permitem percorrer lugares e discursos dos quais tiveram negados sua voz dentro do discurso histórico tradicional. O campo de produção historiográfica brasileira sobre as mulheres apresentam múltiplos

caminhos que podem ser percorridos e explorados comumente as relações de gênero no âmbito social e político, tal qual do próprio lar, que através de estratégias ou de artifícios muitas mulheres puderam expressar-se, possibilitando um campo vasto de análise do estudo das mulheres e das relações de gênero, no entanto conhecer aquele que está mergulhado na penumbra é algo difícil e exige paciência, determinação e coragem.

NOTAS

- ¹Graduada em história pela Universidade Federal do Piauí. Pós-Graduação em História do Brasil Afrodescendente e Indígena pela Universidade Evangélica do Maranhão - FAEME.
- ²DIAS, Maria Odilia Leite da Silva. Teoria e métodos dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. 1992. p. 39.
- ³(História Das Mulheres E Das Relações De Gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas Maria Izilda Santos de Matos, 2009).
- ⁴SAFFIOTI, H. I. B Heleieth Saffioti, em sua obra: Gênero, patriarcado, violência (2004).
- ⁵SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, p.63-95.
- ⁶HAHNER, June E. A mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937. Ed. brasiliense. São Paulo, 1981. p. 51-54.
- ⁷DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. Estudos Avançados, vol.17. n.49, set./ dez. 2003. Disponível em : <<http://www.unb.br/ih/his/gefem>>. Acesso em: 19 jun. 2017.
- ⁸O Papyro: periódico puramente literário. Teresina, trimestre 1, 23 de maio de 1874. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>> . Acesso em: 10 de abr. 2016.
- ⁹QUEIROZ, Luiza Amélia. Flores incultas. 2 ed. Teresina, PI In: QUEIROZ, Teresinha, (Org.):V2 Eudufpi, 2015. p.129.
- ¹⁰____ Flores incultas, p.62.
- ¹¹CIARLINI, Daniel C.B. A face oculta da literatura piauiense . vol. I. Ed. Parnaíba, 2012. p 79-124.
- ¹²CIARLINI, Daniel C.B.. p 79-124.
- ¹³PERROT, Michele. História das Mulheres no ocidente: Sair. O século XIX. ed. Afrontamentos, ltda. Porto, vol 4 /1991. p 3.
- ¹⁴Flores Incultas. 2015. p. 15.
- ¹⁵Flores Incultas, p 160.
- ¹⁶SCOTT,Joan. Gênero uma categoria útil de análise Histórica. Educação e realidade. 1995.
- ¹⁷Por Heleieth Saffioti: Gênero, patriarcado, violência (2004)p. 22.
- ¹⁸SCOTT,2004, p. 82.
- ¹⁹SCOTT, 2004.
- ²⁰PERROT (1991). p 471.

- ²¹ DEL PRIORE, Mary (Org.) História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto/ UNESP, 1997.
- ²² FREITAS, Clodoaldo. Vultos Piauienses: apontamentos biográficos. 3 ed. Teresina: APL; EDUFP, 2012. p 96 -97.
- ²³ FALCI, Miridan (org) Capítulo: Mulheres do sertão nordestino In História das Mulheres no Brasil(org) Mary Del Priore, São Paulo: Contexto, 1997. p 245.
- ²⁴ SAFFIOTI, 1992, p. 10
- ²⁵ De acordo com Norma Telles (DEL PRIORE et al., 2001, p. 402), ao final do século XIX, esta é primeira onda, no Brasil, se deu ao movimento de algumas mulheres ambicionando a educação direitos políticos.
- ²⁶ In___ TELLES. (2001) p. 407.
- ²⁷ ___ Flores incultas, p.55.
- ²⁸ ___ Flores incultas, p.64
- ²⁹ ROCHA, Olivia candeia lima. Escrita e Feminismo no Piauí (1875-1950). Teresina- Pi - fundação Monsenhor Chaves. 2011. p 78.
- ³⁰ ___ Flores incultas, p. 93.
- ³¹ CHAVES (Mons). Apontamentos biográficos e outros. Teresina: fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.
- ³² Perrot, Michelle. As mulheres ou os silêncios da Historia. Cap. 21. p 467- 480.
- ³³ Atualmente é professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul v. doutorado em política - University of Essex (1986) autora do livro “Uma historia do feminismo no Brasil” 2003.
- ³⁴ Aprendizado de ensino básico não direcionado ao ensino superior, simultaneamente a aulas de corte costuras e afazeres domésticos (nova historia das mulheres no Brasil. 2001)
- ³⁵ Olivia Candeia Lima Rocha, é professora da Universidade Federal do Piauí, autora do Mulheres, escrita e feminismo no Piauí (1875-1950), dentre os capítulos há o que apresenta o pioneirismo feminino na literatura piauiense de Luiza Amélia de Queiroz.
- ³⁶ PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. 119 p.
- ³⁷ FREITAS, Clodoaldo. Vultos Piauienses: apontamentos biográficos. 3 ed. Teresina: APL; EDUFP, 2012. p 92.
- ³⁸ NORMA TELLES. In___ 2001..
- ³⁹ PIZARRO, Jacobina Alberto. Francisco Dias Carneiro (O conservador). n .1, 23 de novembro de 1937. p 186.

REFERÊNCIAS

CHAVES, Monsenhor. **Apontamentos biográficos e outros** . Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

CIARLINI, Daniel C.B. **A face oculta da literatura piauiense** . vol. 1. Ed. Parnaíba, 2012.

DIÁRIO do Maranhão. Ano 7, n. 931, p. 4, 14 set. 1875. Disponível em: <<http://>

memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=720011&pasta=ano%20187&pesq=>.
Acesso em: 19 dez. 2017.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Teoria e método dos estudos feministas: a hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 39-53.

Echo das Damas: Órgão dos interesses da mulher científico e literário. Rio de Janeiro, Anno I, n.4, 20 de julho de 1875.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary Del (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 241-277

FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. Ordens e Liberdades. DUBY, George; PERROT, Michelle (Org.). **História das Mulheres no Ocidente**. Ed: Afrontamento, 1998, p. 9-10.

FREITAS, Clodoaldo. **Vultos Piauienses**: apontamentos biográficos. 3ª ed. Teresina: APL; EDUFP, 2012.

JACOBINA, Alberto Pizarro. **Dias Carneiro**: o conservador. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1938. (Biblioteca Nacional, série 5, v. 135).

MILL, John Stuart. **A sujeição das mulheres**. São Paulo: Escala, 2006.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiro. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PINTO, Celi Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

QUEIROZ, Luíza Amélia de. Ao poder do gênio. **Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul**, Rio Grande, p. 131, 1896.

QUEIROZ, Luíza Amélia de. D. Pedro de Alcântara. **Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul**, Rio Grande, p. 194, 1896.

QUEIROZ, Luíza Amélia. **Flores Incultas**. Teresina, PI. In: QUEIROZ, Teresinha, (Org.). V.2 EDUFPI, 2015.

ROCHA, Olivia candeia lima. **Escrita e Feminismo no Piauí (1875-1950)**. Teresina- Pi - fundação Monsenhor Chaves. 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 15, n. 2, p. 71-99, jul./dez, 1990.

TELLES, Norma. **Encantações**: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX. 1987.

532 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987.